

A FILOSOFIA NA CONSTRUÇÃO PRÁTICA DO CONHECIMENTO DE MUNDO NA TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sirlene de Castro Oliveira*
Humberto Aparecido de Oliveira Guido**

RESUMO: *O texto aborda o papel da Filosofia no Ensino Fundamental, o desenvolvimento do Programa de Educação para o Pensar e a sua relação no conhecimento de mundo das crianças da terceira série, segundo Matthew Lipman¹.*

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia para criança; Ensino de Filosofia; Filosofia e Ensino Fundamental.

ABSTRACT: *The text deals with the role of Philosophy in the “Ensino Fundamental”, the development of the Educational Program for Thinking and its relation to the knowledge of the child world in the third grade, according to Matthew Lipman.*

KEY WORDS: Philosophy for children; Philosophy teaching; Philosophy and Elementary school.

A filosofia vem alcançando uma importância cada vez maior na educação das crianças e adolescentes do ensino fundamental. Tal fato tem causado certa surpresa, já que não houve nada parecido antes dos anos 70, pois a Filosofia, por muito tempo, só foi ministrada no ensino médio e na universidade.

Embora tenha surgido na Grécia, no século VI a. C., a filosofia somente eclodiu de acordo com o desenvolvimento das civilizações, o que se deu num processo lento, à medida em que as pessoas começaram a pensar sobre o pensamento.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

** Doutor em Filosofia da Educação; professor no Programa de Mestrado em Educação da UFU.

¹ Matthew Lipman, professor norte-americano, formou-se e doutorou-se em Filosofia. Fundou o Programa de Filosofia para Crianças no final da década de 60 nos Estados Unidos.

No século V a filosofia foi diretamente relacionada com a investigação dialógica, tendo como maior responsável por seu desenvolvimento Sócrates, que não se limitou a mostrar para seus conterrâneos atenienses o que significaria para um cidadão examinar cuidadosamente a vida por meio da discussão pública. Poderíamos até conjecturar que, sem Sócrates, os grandes diálogos de Platão provavelmente seriam impensáveis.

O pensamento é como um ofício que ninguém pode fazer pelo outro. Daí, Sócrates indicar o caminho para que possamos alcançar a habilidade do “saber pensar”, ainda que se abstenha de nos impor os produtos da sua própria investigação. Admitindo a existência de uma parceria entre a teoria e a prática, não há nada que ele nos recomende como ideal sem indicar os passos pelos quais isso pode ser conseguido.

Ao sugerir que conheçamos a nós mesmos, Sócrates sugere também a necessidade de sabermos qual é realmente nosso objetivo na vida, para assim termos mais chances de alcançá-lo. A investigação intelectual começa com os assuntos de maior interesse para cada um de nós. É necessário reconhecer como prioritário o interesse do indivíduo em obter um melhor controle da sua própria vida, pois, não há melhor incentivo do que ver nossa vida se aperfeiçoar por intermédio da nossa reflexão sobre ela. Outros aspectos que merecem destaque são as conversações, fato que, ao menos superficialmente, parece ser pouco extraordinário. Mas, se levado em conta o contexto da sua insistência para que vivamos com reflexão, a exigência da conversação se torna mais compreensível e significativa. Quando nos envolvemos no diálogo, devemos estar intelectualmente alertas - não há lugar para o raciocínio desinteressado ou para comentários involuntários ou brincadeiras impensadas. Devemos ouvir cuidadosamente os outros (pois ouvir é pensar), devemos pesar nossas palavras (pois falar é pensar). Devemos, então, ensaiar em nossa mente o que nós e os outros dizemos, e reconsiderar o que deveríamos ter dito ou o que os outros deveriam ter dito. Assim, participar de um diálogo é explorar as mais variadas possibilidades, descobrir as alternativas, reconhecer outras perspectivas e estabelecer *uma comunidade de investigação*. À medida que os membros dessa comunidade refletem sobre as idéias e a lógica da sua emergência, cada um deles replica a conversação original, mas com uma nova ênfase, posto que o ângulo de visão de cada um dos indivíduos é diferente.

A filosofia propõe um pensar rigoroso, em que cada crença deva ser submetida aos rigores da lógica e da experiência. Não importa quais sejam as opiniões ou idéias, elas precisam ser capituladas às exigências de ser

internamente coerentes e seus proponentes devem indicar a evidência que as apóia.

Deve-se ter sempre em mente que a filosofia não pode ser imposta às pessoas, elas devem desejá-la. Devem, de algum modo, ser motivadas a querê-la - talvez pelos esquemas literários de que os gregos utilizavam. Se desejamos legar à posteridade uma sabedoria, o melhor que temos a fazer é criar uma grande variedade de atividades que contenham esse conhecimento.

A proposta de uma filosofia voltada para crianças deixa claro que a educação tem que se reformular de modo tal que as condições sócio-econômicas nunca possam servir de impedimento para deficiências unicamente educacionais. Ela tem que se reformular de tal maneira que a diversidade de condições culturais seja vista como uma oportunidade para que o sistema prove a sua boa qualidade, e não como subterfúgio para o seu colapso.

A escola tem que ser definida pela natureza da educação, ou seja, um ensino sistematizado, formal e não ao contrário, um ensino informal, como ocorre no cotidiano de cada um. Em vez de insistirmos que a educação é uma forma especial de experiência que apenas as escolas podem proporcionar, deveríamos estar cientes de que qualquer coisa que nos ajude a descobrir o significado da vida é educativo, e que as escolas são educativas apenas na medida em que proporcionam condições para essa descoberta.

O ato de descobrir não se dá ao acaso. Para Lipman (1997:23), a informação pode ser transmitida, as doutrinas podem ser impostas, os sentimentos podem ser compartilhados - mas os significados têm de ser *descobertos*. Não podemos "dar" os significados às outras pessoas. Cada uma de acordo com a sua história de vida atribui valores diferentes a diferentes objetos ou situações. O que podemos fazer é apresentar o conteúdo ou o objeto de forma que haja interesse em conhecê-lo mais e melhor.

Assim também acontece com as crianças. Os significados que desejam não podem ser dados a elas; elas mesmas devem procurá-los por meio do envolvimento no diálogo e na investigação.

A abordagem da "Filosofia para Crianças" envolve a idéia de que as perguntas das crianças tendem a ter um alcance e uma grandeza extraordinários. Perguntar "como começou o mundo?" ou "do que tudo é feito?" ou "para onde vamos quando morremos?" significa levantar temas de enorme importância

metafísica. O fato de as crianças poderem levantar tais questões indica que têm sede de explicações holísticas.

Diante disso, a filosofia na sala de aula deverá ser vista como um contrapeso à especialização dominante no sistema educacional, favorecendo assim a interdisciplinaridade e a transversalidade propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 30 de março de 1998, através das *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*.

O programa de Filosofia para Crianças propõe estratégias de ater-se mais aos pensamentos e às reflexões e sua aplicação na vida de forma ampla. Os textos propostos no programa abordam esse objetivo por meio da descoberta do pensar governado por regras e de exemplos de diversos tipos de pensar não formais. As regras lógicas não são apresentadas simplesmente, mas fornecem exemplos de regras e de técnicas de indagação que levam os leitores a se sentirem incentivados a usá-las por si mesmos.

Juntamente com a descoberta de que certos tipos de pensar são governados por regras, a filosofia mostra diferentes circunstâncias de pensamento, como: imaginar, sonhar, fingir, nos quais as regras da lógica quase não interferem, produzindo assim o conhecimento, que é a expressão do real, mas não sua cópia. O conhecimento pode-se apreender a partir da investigação direta, de modo particular, mediante determinadas formas de sistematização que podem ser expressas de diferentes maneiras.

Finalmente, ao aplicar a proposta de Matthew Lipman pode-se afirmar estar cultivando as habilidades de raciocínio, de formação de conceitos, de interpretação, de investigação, de significação, trabalhando, em suma, as principais habilidades cognitivas, que são pré-requisitos para resolver os problemas apresentados às crianças. Dessa forma, Lipman se contrapõe à proposta da educação tradicional, que se preocupava em oferecer uma resposta pronta e acabada e não a construção do conhecimento fundamentado na realidade de cada indivíduo.

Diante do exposto pode-se dizer que a Filosofia é, por natureza, dirigida à universalidade do pensamento, à totalidade e transdisciplinaridade, pois, procura sempre identificar as questões no contexto mais amplo possível em que está situada, explicitando aí todas as suas inter-relações. A Filosofia parte dos pensamentos já existentes para abordar a realidade e dialeticamente modificá-los com a mesma intensidade que modifica a realidade. Este "*pensar novo*" é a

reflexão, resultado do voltar-se (flexão) para trás, sobre os pensamentos que já se tem. Além de redimensionar as interações sociais no contexto escolar, oferece condições para a produção do conhecimento, dentro da proposta metodológica a que se propõe.

Fazer isto intencionalmente desenvolve a postura transdisciplinar, colocando a criança não somente como agente na construção do seu próprio conhecimento e na construção do mundo, mas um agente cuja ação se desenvolve no contexto de uma práxis inelutavelmente social e histórica, que inclui tanto a sujeição à potencialidades da natureza como a ações de outros agentes.

A seguir apresentamos uma visão geral do Programa de Filosofia para Crianças criado por Matthew Lipman, seus fundamentos e objetivos, mais especificamente os da 3ª série do Ensino Fundamental, tendo em vista o enfoque deste estudo.

A Filosofia na terceira série do Ensino Fundamental incentiva as crianças a pensarem por si mesmas, provocando sempre a observação, a curiosidade e o questionamento, o que as ajudará a descobrir os rudimentos de sua própria filosofia de vida. Assim, estarão construindo o conhecimento acerca do mundo e desenvolvendo um senso mais concreto da própria vida.

A FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DA INFÂNCIA

O programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman sugere a prática filosófica pelas próprias crianças, permitindo um questionamento acerca da sua linguagem, de preconceitos e estereótipos que lhes são transmitidos pela sociedade.

A reflexão filosófica favorece o entendimento de como as coisas são e como poderiam ser. Para isso, é necessário saber pensar, saber quais são as opções e também cultivar a reflexão para talvez propor outras opções; precisa-se também ser crítico, ser capaz de olhar as instituições sociais e perguntar se elas cumprem aquilo que deveriam fazer. E é indispensável ser criativo, elaborando algumas sugestões sobre como as coisas poderiam ser melhoradas. Finalmente, é fundamental também pensar de um modo ético e criterioso.

Por isso, o programa criado por Lipman propõe um novo paradigma para a educação no ensino fundamental, tendo em vista transformar cada sala de

aula numa comunidade de investigação, que visa desenvolver a inteligência em seus vários aspectos: emocional, cognitivo e social, explorando não só o que pensamos e como pensamos mas também o *que* sentimos e *como* sentimos, e o que pensamos que a sociedade deveria ser e como deveríamos nos relacionar nessa sociedade.

FILOSOFIA COMO PRÁTICA DE SALA DE AULA

Todos os filósofos contribuíram para o desenvolvimento da própria filosofia, mas nenhum deles conseguiu restringir a atividade filosófica no limite de suas próprias definições. É característica da filosofia a busca constante da verdade; a filosofia está sempre se abrindo para a realidade ao invés de fechar-se. Com esse princípio, Matthew Lipman propõe uma *filosofia para crianças*, sem dogmatismos e preconceitos. As práticas sugeridas visam formar hábitos para que as crianças aprendam a se fazer ouvir mutuamente, a perceber outras dimensões do mundo social, a fazer perguntas cada vez mais complexas, a conceituar, a reconhecer pressupostos, etc. Sua proposta serve como fonte de inspiração para pensar como o lúdico integra-se ao didático, o mágico ao filosófico nos primeiros passos para desenvolver um pensamento crítico e criativo nas crianças. Lipman

recria o compromisso socrático da filosofia com a vida, ao propor nas aulas não um exercício retórico acerca de questões longínquas, mas a pergunta e o exame sobre os valores que sustentam a vida, pessoal e social, o questionamento dos dogmatismos e preconceitos que residem em uma e outra (Kohan, 1999:101, v. I).

A proposta filosófica aqui analisada ocupa-se da formação de conceitos por meio do uso e valorização de ferramentas tais como: critérios, razões, argumentos, definições e propõem desenvolver o uso específico de habilidades de raciocínio, de tradução, de questionamento e investigação, alimentando-se por vezes da filosofia e tornando-a disponível ao diálogo com as crianças.

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE MUNDO NA TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maravilhamento e perplexidade é uma característica geral da infância e principalmente na idade equivalente à 3ª série do Ensino Fundamental.

Para Piaget, a criança neste período encontra-se em transição entre o pensamento pré-operacional (raciocínio intuitivo) e o pensamento formal (raciocínio hipotético).

Durante o desenvolvimento operacional concreto, os processos mentais da criança tornam-se lógicos, e a isto ele chamou operações lógicas. O pensamento deixa de ser dominado pelas percepções e a criança torna-se capaz de resolver problemas reais e observáveis através de operações lógicas (seriação, de classificação e outras). No nível das operações concretas a criança descentra suas percepções e acompanha as transformações. E, o que é mais importante, ela alcança a reversibilidade das operações mentais.² Para Piaget as trocas ou cooperação entre as pessoas têm importante papel na construção de estruturas mentais na fase operacional concreta (7-12 anos). O contato com as idéias do outro podem transformar as idéias do próprio indivíduo dando início a um sistema de relações que enriquece a sua vida intelectual.

Já para Vygotsky (1988) os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, por intermédio da mediação simbólica. E é a linguagem, por excelência, um dos sistemas de signos entre os indivíduos que compartilha desse sistema de representação da realidade.

Lipman, utilizando-se dessas idéias, mais especificamente no período aqui tratado, apresenta o Programa para crianças de 3ª série do Ensino Fundamental, "Pimpa" (1997:1), como um programa de raciocínio, comunicação e expressão que se concentra no aperfeiçoamento das habilidades do pensar e que, através do questionamento dialógico cooperativo, proporciona às crianças a possibilidade de pensar filosoficamente sobre as idéias que lhe interessam.

O Programa de Filosofia para crianças fundamenta-se na comunidade de investigação, cuja alma ou essência é o diálogo. Essa idéia vem ao encontro da teoria vygotskyana, com a concepção de que é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo. Esses processos ligam o desenvolvimento da pessoa, a sua relação como o ambiente sócio-cultural em que vive e a sua situação de organismo, que se desenvolve plenamente apenas com o suporte de outros indivíduos de sua espécie. E essa importância que Vygotsky dá ao papel do outro social no desenvolvimento dos indivíduos cristaliza-se na formulação de um conceito específico dentro de sua teoria, essencial para

² Segundo Piaget, ação que pode ser internalizada ou uma ação sobre a qual se pode pensar.

a compreensão de suas idéias sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado: o conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Segundo Vygotsky, o professor tem o papel de interferir na zona de desenvolvimento potencial para provocar avanços que não ocorreriam espontaneamente. Para ele, a internalização e a apropriação se concretizam à medida que o diálogo se desdobra. (Lipman, 1997:17).

Vygotsky não chegou a formular uma concepção estruturada do desenvolvimento humano a partir da qual pudéssemos interpretar o processo de construção psicológica, como fez Piaget, embora sua principal fonte de pesquisa fosse o próprio desenvolvimento.

Na comunidade de investigação, as crianças têm a chance de expor suas idéias aos outros e escutar as idéias dos outros sobre o mesmo tema ou assunto, de comparar as suas idéias com as dos outros e as dos outros entre si e de estarem, a partir daí, melhorando, completando ou mesmo modificando os que pensam ou, então, confirmando ainda mais seus pontos de vista.

Lipman afirma que a comunidade de investigação é um princípio fundamental onde a discussão, por sua vez, aguça o raciocínio e as habilidades de investigação das crianças como nenhuma outra coisa pode fazer. A meta da comunidade de investigação é passar do diálogo professor-aluno para o diálogo aluno-aluno (idem).

O diálogo entre as crianças permite que se promovam as habilidades de raciocínio sem o uso de treinos, sem compulsão. O caráter do jogo espontâneo, e deste entre as crianças, faz com que a participação seja agradável e gratificante.

O PROGRAMA DE 3ª SÉRIE: “PIMPA”

Pimpa foi criado por Matthew Lipman para as crianças de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. É um programa de raciocínio, comunicação e expressão que se concentra no aperfeiçoamento das habilidades, através do questionamento dialógico, cooperativo, de maneira seqüencial e cumulativa. Retrata um grupo de crianças fictícias, explorando a linguagem e a mente, através de considerações éticas, lógicas, epistemológicas, estéticas e metafísicas. Os alunos nessa fase se identificam com a curiosidade e a busca insistente de razões da personagem principal: *Pimpa*.

A busca de significados apresentados nessa idade torna significativa a história, que dá um sentido ao mundo, de maneira encantadora, correlacionando as habilidades de raciocínio com a aquisição de significados.

O programa *Pimpa* estimula a leitura, a fala, o diálogo, o pensar; enfatiza o significado ao invés da forma, dando prioridade às relações que a linguagem tem com o mundo, ao invés das que tem com a gramática; liga a experiência da criança à experiência literária e histórica da humanidade; ajuda a usar melhor palavras como: se, mas, todos, nenhum, como, sempre, nunca, etc.

As idéias filosóficas apresentadas podem não só ser discutidas como dramatizadas ou representadas por meio de desenho, mímica, teatro, fantoches, etc. As idéias como aparência, realidade, unidade e diversidade, semelhança e diferença são trabalhadas de acordo com a faixa etária e o contexto das crianças. Assim sendo, *Pimpa* favorece a prontidão para discussões filosóficas mais profundas enquanto proporciona uma relevante experiência intelectual.

O conhecimento adquirido com as discussões nas *comunidades de investigação* proporciona o estabelecimento de comparações exatas e inexatas, investigando assim, razões, símiles, metáforas e analogias. Dessa forma, uma das habilidades privilegiadas pelo programa é o **raciocínio analógico**.

O PROGRAMA DE FILOSOFIA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segurança e firmeza com relação ao método pedagógico a ser usado são fundamentais para a eficácia do programa. Não se trata de saber todas as respostas, mas dominar a pedagogia a ser usada, ou seja, o que vamos fazer primeiro e como reforçar e organizar cada sessão; como facilitar as discussões; como integrar os exercícios com os materiais do texto; como usar atividades suplementares (dança, música, poesia, histórias, etc.) para reforçar um conceito.

A imposição não deve existir com relação aos pontos de vista filosóficos, pois as crianças normalmente apresentam tendência a assumirem posições intelectuais passadas como verdade absoluta.

Segundo Lipman (*Pimpa* p. 7), o papel do professor é levar as crianças ao maravilhamento e a intrigar-se, evitando dar-lhes respostas, o que as lhes, tolheria o questionamento e a investigação, terminando assim a discussão e frustrando os propósitos do curso.

Embora saibamos que materiais apresentados num contexto narrativo são mais eficazes de serem lembrados do que a maneira apresentada no próprio livro didático, a sugestão do autor é que se inicie com as crianças lendo um episódio em voz alta. Essa leitura pode acontecer de diversas maneiras: cada uma lê um parágrafo, ou frase, ou ainda se faça a interpretação dos personagens.

Em seguida deve-se perguntar o que lhes interessou na leitura, evitando impor ou exigir que falem e lembrando sempre que estamos buscando as idéias delas e não as nossas. As opiniões deverão ser anotadas na lousa, com fidelidade, para não imaginarem que estamos manipulando seus sentimentos, juntamente com o nome do participante. O professor pode optar por anotar todas as contribuições antes de iniciar a discussão ou fazer uma breve discussão sobre cada idéia anotada, reservando um tempo para uma discussão mais profunda. Ainda poderá instigar a imaginação das crianças com perguntas como: Por que você acha isso interessante? O que você acha que essas palavras significam? O que você acha que a *Pimpa* quer dizer com isso? Por que você acha que isso aconteceu? Ou como você explicaria isso em outras palavras?

Segundo Kohan (1999:21, v. II), “aprender a realizar, cada vez melhor, o diálogo investigativo exige que haja práticas constantes de tal diálogo e que o professor, que o *co-ordena*, saiba, realmente, *‘fazê-lo acontecer’*”.

Como um dos objetivos é ajudar as crianças a escutarem e a falarem umas com as outras, pode-se perguntar se há semelhanças ou diferenças entre as questões, ou voltar à citação do livro, pedindo explicações, ou mesmo aplicar diversas outras estratégias que favoreçam o diálogo entre as crianças.

As respostas dadas pelos alunos não deverão fechar o diálogo, mas sugerir novas perguntas como uma oportunidade de desafio: Isso é sempre verdade? Eles são sempre assim?, etc.

Além dos exercícios oferecidos pelo material didático, o professor poderá criar outros de acordo com o seu contexto, pois favorecem o diálogo, explora idéias e temas centrais, eliminam interpretações divergentes, permite a prática no uso de técnicas filosóficas, exploram as implicações apresentadas por cada um e consideram as problematizações propostas pelo texto.

Os exercícios são um suporte para facilitar o início do trabalho e cabe ao professor a responsabilidade e a flexibilidade necessária para decidir o que e como fazer em cada situação.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento filosófico, com frequência, não tem sido uma expressão de libertação, mas uma forma de dominação por meio da linguagem, que mostra àqueles que não se pautam por certos modelo, que têm boas razões para sentir culpa, vergonha e medo. Ainda hoje, percebe-se a dominação de alguns grupos sobre outros, ficando a filosofia restrita geralmente à educação de nível superior.

A construção do conhecimento permeia as formas mais diversificadas de relações do homem, de forma sistematizada e informal, independente de raça, credo, nacionalidade ou cor.

As novelas apresentadas no Programa de Matthew Lipman têm caráter filosófico e procuram respeitar os princípios da aprendizagem e incentivar o interesse dos alunos por um diálogo de qualidade. As histórias giram em torno de conceitos e problemas matemáticos com final aberto (como verdade, prova, bom resultado, infinito) que estimulam a discussão entre os alunos. As dinâmicas levam os alunos a tomarem-se responsáveis pela sua aprendizagem, descobrindo que são capazes de aprender e elaborar os seus próprios instrumentos de reflexão.

As discussões que ocorrem durante as aulas muitas vezes poderão parecer desprovidas de diversidade de pensamento, cabendo ao professor desenvolvê-las, provocando os alunos com dinâmicas e materiais simples e atraentes.

Em Escolas que já aplicam o programa há mais de três anos e cujos alunos a acompanham o mesmo desde o início, é perceptível nestes a capacidade de diálogo, de organização, de argumentação, de sistematização de idéias e criatividade.

Os alunos de terceira série do ensino fundamental normalmente demonstram muita espontaneidade, exceto alguns muito tímidos, que logo vão sendo contagiados pelos mais extrovertidos, chegando mesmo a pedir a palavra.

Em avaliações de outros conteúdos e discussões de outras aulas a influência das aulas evidencia-se de Filosofia, principalmente na elaboração de idéias e na argumentação.

Assim sendo, entende-se que a elaboração e a aplicação do programa de Filosofia sugerido por Matthew Lipman aqui apresentado é perfeitamente

possível, pois apresenta-se como uma ferramenta adaptada às crianças, contém conceitos de interesse universal com os quais as crianças, assim como os adultos podem lidar. Além disso, propõe uma nova maneira de fazer filosofia, pois, procura levar os alunos do Ensino Fundamental a participarem de comunidades de questionamento e investigação filosóficas. Através dessa comunidade, ao lado de seus colegas, os alunos conseguem: a) articular e entender por si mesmos suas próprias idéias; b) elaborar as suas idéias e transmiti-las a seus colegas; c) esclarecer e modificar suas idéias a partir do conflito cognitivo e da realimentação dinâmica via interações sociais.

Atualmente, além do material elaborado por Lipman, já podemos contar com material produzido pelo Centro de Filosofia - Educação para o Pensar, de Florianópolis, SC, em que não somente os personagens das novelas filosóficas, mas a própria história tem como princípio a realidade brasileira. Isso faz com que possamos explorar e aprofundar melhor, interdisciplinarmente, as temáticas propostas em cada série.

As reflexões filosóficas numa comunidade de questionamento e investigação são condição essencial para a construção do conhecimento, já que permitem aos alunos deixar gradativamente de lado vários mitos e preconceitos e assim adquirirem autonomia de pensamento e linguagem. Elas permitem substituir a tradicional noção de "percepção de fatos" por um reconhecimento de que o verdadeiro saber é uma construção social que reflete as diversas preocupações e interesses das pessoas que lhe deram forma. Enfim, a Filosofia, tal qual se apresenta, visa desenvolver tanto a dimensão racional dos alunos quanto as dimensões afetiva e social, proporcionando um saber vinculado à existência. Nesse sentido, a Filosofia se revela importante não por se prender ao aqui e agora, mas sobretudo por ser uma forma de saber racional, cuja tarefa básica está radicada na atividade própria da natureza humana, ou seja, o conhecer.

Pode-se dizer que a Filosofia, para além de sua própria especificidade, implica um esforço explícito e intencional com vistas a essa integração.

Exerce uma função de gestadora de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade não só no plano epistemológico, mas também naquele da prática pedagógica, o qual envolve disciplinas científicas, atividades profissionais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*/Secretaria de Educação Fundamental - Brasília:MEC/SEF, 1997.

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO - *LEI nº 9.934/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Centro de Documentação e Informação - Coordenação e Informação - Coordenação de Publicações, 2001.

KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam. *Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Volume I, Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. WAKSMAN, Vera. *Filosofia para crianças. Na prática escolar*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1.999.

LIPMAN, Matthew. *Pimpa*. Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1997.

_____. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria. 2ª. Edição, 1997.

_____. *Natasha - Diálogos Vygotskyanos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente - O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1988.